

Sobre o ensino da Aritmética na Escola Nova: contribuições de dois escritos autobiográficos para a História da Educação Matemática

Maria Laura Magalhães Gomes, UFMG, mlauramgomes@gmail.com.¹³¹

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo referente à inserção da educação matemática no movimento da Escola Nova no estado de Minas Gerais no contexto das reformas educacionais promovidas pelo governo em 1927. A partir de textos autobiográficos de duas professoras mineiras envolvidas com a Escola de Aperfeiçoamento, uma instância de formação continuada de professores criada pelas referidas reformas, procurou-se conhecer as propostas para o processo de ensino e aprendizagem da matemática veiculadas nessa formação e os modos como essa formação foi apropriada nas práticas escolares mineiras em relação à matemática.

Introdução

Na década de 1920, alguns estados brasileiros, como São Paulo, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná e Bahia, além do Distrito Federal, sediado então na cidade do Rio de Janeiro, promoveram reformas educacionais em seus sistemas de ensino. Essas reformas integravam uma renovação econômica, política, social e cultural do país e procuravam implementar, na escola primária, ideias em desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos desde o século XIX. As mudanças efetivadas pelas legislações estaduais e do Distrito Federal vinculavam-se ao movimento pedagógico conhecido, entre outras denominações, como Escola Nova ou Escola Ativa¹³².

Embora a Escola Nova se tenha nutrido de um amplo espectro de teorias, produzidas por educadores de países distintos, alguns princípios se constituíram como seus traços identificadores: “a centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno” (Vidal, 2003). Diana Vidal assinala que, no Brasil, essas preocupações já vinham sendo explicitadas desde o fim do século XIX, mas, na década de 1920, tornaram a ser enunciadas como “novas” questões; tratava-se, na verdade, de uma permanência de enunciados, com alterações em seus significados. Além de pretender incluir toda a população infantil, a escola renovada centrada na criança valorizava extremamente os conhecimentos advindos da psicologia experimental, levando em grande consideração suas

¹³¹ Departamento de Matemática e Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalho desenvolvido com bolsa de pós-doutorado sênior do CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: mlauramgomes@gmail.com.

¹³² De acordo com Veiga (2007), utilizaram-se ainda os termos “escola moderna”, “escola progressista” e “escola do trabalho”.

contribuições para a compreensão “científica” do ser humano em sua individualidade. Segundo a pesquisadora

O trabalho individual e eficiente tornava-se a base da construção do conhecimento infantil. Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber. Aprofundava-se aqui a viragem iniciada pelo ensino intuitivo no fim do século XIX, na organização das práticas escolares. Deslocado do “ouvir” para o “ver”, agora o ensino associava “ver” a “fazer” (Vidal, 2003, p. 498).

Especificamente no estado de Minas Gerais, as reformas educacionais associadas à Escola Nova foram realizadas nos anos de 1927 e 1928, no governo de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, e se consubstanciaram em um conjunto de decretos para regulamentar a organização e o funcionamento dos ensinos primário e normal. Além de legislar sobre esses ensinos, as inovações comandadas pelo então titular da Secretaria de Negócios do Interior¹³³, Francisco Campos, buscavam atender à preocupação com a formação de professoras e técnicos educacionais capacitados a executar, nas escolas estaduais, as propostas pedagógicas orientadas pelos princípios da educação ativa. Assim, no conjunto das reformas mineiras, um elemento de destaque foi a criação da Escola de Aperfeiçoamento, instituição situada na capital do estado, Belo Horizonte, cujo objetivo era oferecer às docentes mineiras em exercício no ensino primário um curso sintonizado com esses princípios para preparar adequadamente profissionais que seguissem as novas diretrizes pedagógicas, inspiradas, sobretudo, nas ideias de John Dewey (1859 – 1952), William Kilpatrick (1871-1965), Édouard Claparède (1873-1940) e Ovide Decroly (1871-1932). De acordo com Peixoto (2003), as bases do modelo de ensino proposto em Minas Gerais pelas reformas de 1927 e 1928 eram a psicologia, a biologia e sociologia, com a colocação do aluno no centro da ação educativa, em oposição nítida ao padrão seguido anteriormente às mudanças lideradas por Francisco Campos.

Como se inseriu a educação matemática no movimento da Escola Nova mineiro? Que propostas para o processo de ensino e aprendizagem da matemática foram veiculadas na formação continuada de professoras pela Escola de Aperfeiçoamento? De que modo essa formação foi apropriada nas práticas escolares mineiras em relação à matemática?

Neste trabalho, procuramos apresentar os resultados do estudo que realizamos quanto a essas questões a partir de textos autobiográficos de duas professoras mineiras envolvidas com a Escola de Aperfeiçoamento, a formação de professoras e as práticas pedagógicas com a aritmética no ensino primário.

¹³³ Trata-se do órgão do governo do estado de Minas Gerais responsável, na época, pelos assuntos da educação.

A escrita autorreferencial e os textos autobiográficos de duas professoras mineiras

A escrita autobiográfica, também chamada escrita de si ou escrita autorreferencial, tem sido considerada, por diversos autores, como fonte e objeto importante para a pesquisa em História da Educação (Viñao, 2000 e 2004; Gomes, 2004; Mignot, 2003).

Conquanto a compreensão mais imediata da escrita autobiográfica seja aquela relacionada às memórias e autobiografias, esse tipo de escrita tem sido entendido de modo mais amplo pelos pesquisadores. Segundo Gomes (2004), por exemplo, a escrita de si seria um gênero que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias, entendendo-se essas últimas seja como memórias, seja como entrevistas de história de vida.

Uma perspectiva ainda mais estendida é a de Artières (1998), que, referindo-se ao fato de a cultura escrita ter se tornado um componente imprescindível à inserção dos indivíduos na organização das sociedades modernas, enfatiza o arquivamento da vida de cada um como uma injunção social continuamente imposta às pessoas. Segundo o autor, o arquivamento de nossa vida não é, porém, concretizado ao acaso, já que sempre fazemos acordos com a realidade, manipulamos a existência, omitimos, rasuramos, riscamos, grifamos, enfatizamos passagens. Das várias práticas de arquivamento presentes nas sociedades modernas, sobressai-se, pois, o que se poderia denominar uma intenção autobiográfica. As elaborações de Artières conduzem, assim, a um alargamento na concepção de escrita autobiográfica, já que, além das formas mais comumente lembradas dessa escrita – as memórias, as cartas e os diários –, somos levados a pensar também nos acervos e arquivos pessoais, que podem incluir fotografias, livros, cadernos, documentos e outros objetos, como uma forma de escrita autobiográfica.

Na perspectiva ampliada de escrita autorreferencial que acabamos de comentar brevemente, trabalhamos aqui com dois escritos autobiográficos para investigar a educação matemática em Minas Gerais durante o período de vigência das reformas educacionais escolanovistas. O primeiro deles inclui-se na compreensão mais comum sobre esses documentos: trata-se das *Memórias de uma professora*, livro publicado pela professora primária e assistente técnica Maria da Glória D'Ávila Arreguy¹³⁴ em Belo Horizonte, em 1958. O segundo escrito, que comentaremos adiante, é um dos documentos do arquivamento da vida da professora Alda Lodi (1898-2002), que atuou destacadamente no cenário educacional mineiro durante muitas décadas, dedicando-se à formação inicial e continuada de professoras e à gestão de instituições de ensino (Fonseca, 2010).

O livro de memórias da professora Maria da Glória (Arreguy, 1958) relata episódios de sua vida pessoal e profissional, em que sua experiência no magistério tem papel central. A apresentação da obra, assinada pelo filho da autora, o professor, escritor e jornalista João Etienne Filho (1918-1997), informa

¹³⁴ Maria da Glória Arreguy nasceu em 1895, em Capelinha da Graça, distrito do município de Minas Novas, no estado de Minas Gerais. Não conseguimos informações sobre a data e o local em que faleceu.

que foi por sua sugestão que, durante o ano de 1947, a professora, adoentada, iniciou a escrita dos textos de rememoração de sua vida e carreira. Esses textos foram posteriormente desenvolvidos e publicados no jornal *O Diário*, de Belo Horizonte, a capital do estado de Minas Gerais. Foram os escritos que vieram a público nesse jornal aqueles finalmente organizados, complementados e reunidos no livro de 152 páginas editado em 1958.

Para o tema que aqui nos interessa – a educação matemática nas reformas escolanovistas de Minas Gerais – o livro de Maria da Glória é importante por relatar sua atuação, nesse contexto, como professora primária e técnica de ensino, por comentar sua participação na primeira turma de professoras do curso oferecido na Escola de Aperfeiçoamento, e por trazer referências sobre as propostas para a abordagem da aritmética veiculadas nesse curso e posteriormente postas em prática nas escolas mineiras.

O segundo escrito autobiográfico que focalizamos é um texto sem título de apenas 13 páginas, datilografado em tinta vermelha, complementado por anotações feitas à mão com caneta tinteiro preta em papel sem pauta amarelado pela ação do tempo. Embora não traga a data em que foi escrito, o conteúdo do texto nos permite indicar o mês de novembro de 1929 como esse dado, como será explicado adiante. São páginas soltas e numeradas, de dimensões 6,5 cm por 8,5 cm, em bom estado de conservação e boas condições de legibilidade, apesar da existência de alguns pequenos borrões na tinta vermelha. Esse material integra um conjunto diversificado de documentos, o acervo pessoal¹³⁵ da professora Alda Lodi, que tomamos, aqui, na acepção enfatizada por Philippe Artières (1998), como uma forma de escrita autobiográfica.

Esse escrito, que, como veremos mais à frente, relata parte do trabalho de Alda Lodi como professora da Escola de Aperfeiçoamento, atrai-nos a atenção logo em suas primeiras linhas, que dizem: “Em fins de agosto, quando de regresso de minha viagem aos E. Unidos, fui incumbida do trabalho – Metodologia da arithmetica na E. de A. Nesses trez meses alguma cousa foi feita, não muita pela escassez do tempo” (Lodi, 1929, p. 1).

Trabalhos como os de Peixoto (2003) e Prates (2000), entre outras fontes, nos informam que Alda Lodi foi uma das cinco professoras enviadas pelo secretário Francisco Campos, no período 1927-1929, ao Teacher’s College, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, para participarem de cursos, seminários, conferências e outras atividades constituintes de uma especialização que visava a sua futura atuação na Escola de Aperfeiçoamento. Nessa instituição, referida como E. de A. no trecho de Alda Lodi acima transcrito, a professora se responsabilizaria pela disciplina Metodologia da Aritmética, integrante do curso que seria oferecido às docentes mineiras a partir de 1929. Na

¹³⁵ Esse acervo, composto de uma biblioteca de aproximadamente dois mil livros e uma enorme e variada coleção de documentos pessoais e profissionais, foi doado, em 2005, pela família Lodi, ao Museu da Escola de Minas Gerais, ligado à Secretaria de Estado da Educação. Sob a liderança de Nelma Marçal Lacerda Fonseca, o acervo, higienizado e organizado, passou a constituir o Arquivo Alda Lodi, atualmente abrigado nas dependências do Instituto de Educação de Minas Gerais (Fonseca, 2010).

primeira edição do curso, entre as 142 alunas (Peixoto, 1983), encontrava-se a professora Maria da Glória Arreguy.

Como Alda Lodi regressou dos Estados Unidos em agosto de 1929 (Fonseca, 2010), depreende-se das linhas iniciais de seu texto que ele foi redigido aproximadamente em fins de novembro do mesmo ano. O estilo coloquial do escrito parece indicar que a autora o elaborou como roteiro de uma apresentação oral que realizaria acerca de suas aulas e atividades junto às professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento nos três primeiros meses de trabalho com a metodologia da aritmética. Ao mesmo tempo em que usa verbos no pretérito, referindo-se a ações já transcorridas no momento da escrita, a professora utiliza também o futuro verbal para falar de projetos ainda por executar. O documento se insere, na tipologia para os escritos autorreferenciais proposta por Viñao (2004, p. 351), como um texto breve em que um docente dá a conhecer seu trabalho a outros docentes e gestores educacionais.

A educação matemática da Escola Nova em Minas Gerais é contemplada em suas propostas e práticas para a aritmética na escrita autobiográfica de Alda Lodi e Maria da Glória Arreguy, como veremos a seguir.

Aritmética na escola primária na escrita autobiográfica de duas professoras mineiras

Como Arith. não deve ser ensinada com o fim de arith. exclusivamente, á parte das necessidades da vida, sem attender ás sit. reaes que a creança encontra, mas sim ajudal-a a estimar, a medir, a comparar, a calcular, a tornal-a socialmente efficiente no manejo das sit. numéricas, entendemos iniciar nosso curso discutindo a creança e o programa escolar. Assim, sempre firmamos as bases do nosso trabalho – giral-o em torno da creança, aproveitando seus interesses imediatos como ponto de partida da educação (Lodi, 1929, p. 1).

Passámos depois a ver os característicos de escola nova, tratando-a como uma sociedade, vendo os alumnos individualmente, para conduzil-os ao seu maximo desenvolvimento, attendo ás differenças individuaes, ao meio, a todos os factores que influem no sentido quádruplo da educação – o desenvolvimento physico, intellectual, moral e social do individuo. Mas, hão de ponderar: si a cadeira é Methodologia da Arith., porq. entrar nesse campo que parece não se relacionar. Não seria melhor entrar na materia de uma vez? A razão está no seguinte: a escola antiga ensina materias, geographia, leitura, arith., historia. A escola moderna visa o desenvolvimento, ensina a creanças, ao invés de materias, tem por objectivo seu desenvolvimento, garantir-lhe as possibilidades de se conduzir por si própria, fazel-o senhor de s/ actos, fazel-o agente e julgador de suas acções. As disciplinas vêm pois, como meios desse crescimento e, como tal, arithmetica é uma dellas (Lodi, 1929, p. 2).

Os trechos reproduzidos do texto de Alda Lodi, com a ortografia da época e as abreviações que marcam sua escrita, são eloquentes no que diz respeito às propostas escolanovistas no sentido mais amplo, evidenciando o foco central na

criança e seus interesses, a preocupação com seu desenvolvimento e a colocação dos conteúdos do ensino como meios para esse desenvolvimento. A primeira passagem acentua o papel do conhecimento da aritmética para a criança – contribuir para torná-la socialmente eficiente em situações reais, enquanto a segunda passagem contrapõe explicitamente escola antiga, a que ensina matérias, e escola moderna, aquela que ensina a crianças.

3A contraposição específica entre a escola antiga e a escola nova em relação ao ensino da aritmética é realçada em outro trecho:

Si Educação é preparo do individuo para viver mais efficientemente na sociedade, a Escola deve ser vida. Não são poucos os conhecimentos que adquirimos na infância e no curso secundário e que por falta de applicação pouco duraram, ficando delles apenas a lembrança, ás vezes amarga, da energia e tempo gastos inutilmente. Assim, na pratica, quantas vezes encontramos fracções como $15/67$? Como $180/360$? E no entanto são números que nos causaram muitas difficuldades na escola. E ainda hoje delles estão eivadas muitas das nossas Arithmeticas (Lodi, 1929, p. 3, grifo da autora).

Percebemos que Alda Lodi aponta a presença, nos manuais de ensino da aritmética da época, de frações pouco usadas na vida prática; simultaneamente, ela indica, em outras partes de seu texto, que a promoção de uma educação matemática mais sintonizada com o espírito da Escola Nova requereria uma pesquisa das relações particulares e comerciais para descobrir quais os denominadores mais usados. Subentende-se que esses deveriam ser os denominadores presentes nas atividades da aritmética escolar, em lugar daqueles que usualmente nelas compareciam. Outro ponto referido pela professora são os problemas de juros estudados na escola, que, segundo ela, pareciam ignorar os prazos mais comuns nos financiamentos reais do comércio, apresentando prazos sem relação com eles. Ela comenta que essas práticas escolares tornavam o trabalho árido, desinteressante, sem cunho de realidade, causando aversão pelos números. Evitar essa aversão implicaria, em suas palavras, basear a aritmética nas atividades sociais, fazendo a criança “observar, comparar e nunca receber uma fórmula do professor” (Lodi, 1929, p. 4). Alda Lodi relata que, nos primeiros três meses após sua volta do Teacher’s College, havia se empenhado em convencer as professoras sobre a necessidade de conhecer melhor a aritmética “consumida” diariamente, nomeada por ela “aritmética social” ou “aritmética prática”. Essa aritmética comandaria “o que os meninos devem aprender, o que a sociedade delles exige”, e simplificaria “o trabalho da mathematica, tornando-o mais pratico, mais attrahente, mais util, real” (Lodi, 1929, p. 8, grifo da autora). Sua preocupação com a preparação das professoras para realizar essa proposta assim se explicita:

Investigações scientificas teremos de fazer para nos mostrar quaes são os problemas frequentes no commercio, na industria, na casa. De taes investigações nossas professoras hão de ter bases scientificas, alguns tópicos terão de ser eliminados, enquanto outros ganharão emphase (Lodi, 1929, p. 8).

Na conclusão sobre o trabalho já realizado e aquele ainda por ser feito em relação à disciplina Metodologia da Aritmética na Escola de Aperfeiçoamento, Alda Lodi anuncia ações a serem empreendidas num futuro próximo, cujo objetivo seria conduzir as professoras-alunas a um melhor conhecimento sobre a aritmética adequada à nova escola primária, de acordo com a perspectiva de valorização de seu caráter social:

Prepararão as professoras o material ilustrativo das lições, com jogos, gráficos além de cultivar o melhor dos materiais – o verdadeiramente actual – os jornaes.

Finalmente, com os resultados práticos obtidos faremos um programa de arith. para o curso primário seguido de instruções para as professoras.

Para ampliação de nossos trabalhos projectámos a fundação do Club de Mathematica, que se incumbirá da solução de nossos problemas, elevando o aspecto social da mathematica.

Uma das actividades será a instalação de um banco e correio no grupo anexo á escola, para maior contacto com os números (Lodi, 1929, p.11, grifos nossos).

O segundo documento autobiográfico do qual nos ocupamos neste trabalho registra não só as visões da professora Maria da Glória Arreguy acerca do período que passou na Escola de Aperfeiçoamento, mas também algumas práticas escolares com a aritmética desenvolvidas na escola primária sob sua orientação, apropriadas da disciplina ministrada pela professora Alda.

De acordo com suas memórias (Arreguy, 1958), Maria da Glória havia se formado como normalista em 1913. Tendo posteriormente se casado, tido filhos, e lecionado por quinze anos em escolas de várias cidades de seu estado, a docente, inquieta com sua falta de preparo para enfrentar a reforma do ensino primário, procurou e conseguiu ingressar na Escola de Aperfeiçoamento. Após os dois anos do curso, ao voltar para sua cidade, foi dispensada da regência de classe e nomeada “orientadora técnica”, para guiar as professoras primárias na aplicação das propostas da Escola Ativa.

Os trechos abaixo narram práticas aritméticas realizadas no grupo escolar da cidade mineira de Itabirito em 1932-1933, dois anos depois da conclusão do curso de aperfeiçoamento pela autora.

Todo o trabalho de escrita, venda, balanço, porcentagem, pagamentos [da loja escolar] era feito pelas crianças; os problemas concretos surgiam facilmente e muito bem aproveitados pelas colegas. Instituímos, também, a loja de “brinquedo” para os novatos do primeiro ano. Ajuntávamos tudo o que podia interessar aos pequenos, como recortes de revistas, fios de carretéis vazios, caixinhas, bolinhas de gude, tampinhas, doces e frutas. [...] As aulas de Aritmética eram ricas, motivadas e interessantes para os novatos. As moedas para as compras na loja “brinquedo” eram desenhadas e recortadas. A hora do funcionamento da loja era uma delícia para as crianças e para quantos as observavam com bons olhos (Arreguy, 1958, p. 101, grifos nossos).

A primeira ideia era realizar apenas uma exposição de trabalhos do grupo e de produções da cidade. Mas a coisa tomou vulto e se estendeu ao município, aos grupos do Estado, às firmas comerciais e às fábricas de artigos semelhantes às do município. Precisávamos de dinheiro para compras de papel de cartas, de envelopes, selos, cartolina, cola, barbante e de outras miudezas. As próprias crianças se lembraram da organização de um “banquinho”. Fizemos, então, uma excursão a uma das agências de banco locais para colher dados informativos. O “banquinho” foi fundado, o dinheiro apareceu e não nos faltou coisa alguma” (Arreguy, 1958, p. 104-105, grifos nossos).

Como se pode notar, Maria da Glória, em estilo direto e entusiástico, relata práticas em que os aspectos sociais da aritmética adquirem relevo em atividades desenvolvidas pelas professoras junto às crianças. A escrita evidencia o interesse e o prazer dos alunos, em nítida oposição ao caráter árido do trabalho com a matemática sublinhado por Alda Lodi nas práticas da “escola antiga”. Loja e banco foram elementos introduzidos na escola para proporcionar a professoras e alunos da escola primária o contato direto com a aritmética “consumida” no dia a dia.

Sobre o papel da escrita autobiográfica na História da Educação Matemática

Os escritos de Alda Lodi e Maria da Glória Arreguy nos remetem a concepções e práticas da educação matemática advogada pela Escola Nova das quais temos conhecimento mediante livros, documentos escolares e institucionais e trabalhos de pesquisa em História da Educação. No entanto, os documentos autobiográficos de que aqui nos valem nos diferenciam desses outros textos por possibilitarem, no campo específico da educação matemática, acesso à história do currículo vivido, à história de uma reforma educativa em sua aplicação prática, à história da profissão, da prática e das apropriações docentes em relação a um modelo pedagógico específico, importante no Brasil, segundo Souza (2008) até 1970.

Ao defendermos o trabalho com a escrita autorreferencial como fonte e objeto da História da Educação Matemática, valorizamos, como Viñao (2004), o recurso ao “olho móvel”, que permite observar uma realidade a partir das visões de diferentes sujeitos. Cuidados metodológicos adequados ao estudo dos escritos autobiográficos (Viñao, 2000 e 2004) poderão tornar inestimáveis, em muitos casos, os aportes de tais documentos à investigação e à escrita da História da Educação Matemática.

Referências

- Arreguy, M. G. *Memórias de uma professora* (1958). Belo Horizonte: Carneiro e Cia.
- Artières, P. Arquivar a própria vida (1998). *Estudos históricos*, 11 (21), 9-34.
- Fonseca, N. M. L. *Alda Lodi, entre Belo Horizonte e Nova Iorque: um estudo sobre formação e atuação docentes – 1912-1932* (2010). Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Educação, 2010 (Dissertação de mestrado).

- Gomes, A. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo (2004). In: Gomes, A. C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 7-24.
- Lodi, A. [Relato de atividades desenvolvidas nos três primeiros meses como docente da Escola de Aperfeiçoamento] (1929). Belo Horizonte, não publicado.
- Mignot, A. C. Em busca do tempo vivido: autobiografias de professoras (2003). In: Mignot, A. C.; Cunha, M. T. S. (orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 135-148.
- Peixoto, A. M. C. *Educação no Brasil, anos vinte* (1983). São Paulo: Loyola.
- Peixoto, A. M. C. Uma nova era na escola mineira: a reforma Francisco Campos e Mário Casasanta (1927-1928) (2003). In: Leal, M. C.; Pimentel, M. A. L. *História e memória da Escola Nova*. São Paulo: Loyola, 75-115.
- Prates, M. H. O. Escola de Aperfeiçoamento: teoria e prática na formação de professores (2000). In: *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação*. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 66-83.
- Souza, R. F. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)* (2008). São Paulo: Cortez.
- Veiga, C. G. *História da Educação* (2007). São Paulo: Ática.
- Vidal, D. Escola nova e processo educativo (2003). In: Lopes, E. M.; Faria Filho, L. M.; Veiga, C. G. (orgs.) *500 anos de Educação no Brasil – 3ª ed.* Belo Horizonte: Autêntica, 497-517.
- Viñao, A. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos (2000). *Teias: Revista da Faculdade de Educação da UERJ*, n.1. Rio de Janeiro: UERJ-Faculdade de Educação, 82-97.
- Viñao, A. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres (2004). In: Menezes, M. C. *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 333-373.